

A MULHER EM PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM O MAR DE VIDRO, DE GABRIELA LAGES VELOSO

Recebido: 11/03/2024 Aprovado: 10/06/2024 Publicado: 31/07/2024
DOI: 10.18817/rlj.v8i2.3645

Laura Redfern Navarro¹
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-2173-363X>

Veloso, Gabriela Lages. *O mar de vidro*. Belo Horizonte: Caravana, 2023.

presente trabalho se propõe a investigar a possível intertextualidade entre os elementos figurativos de “mar” e “vidro”, evocados em *O mar de vidro*² (Caravana, 2023), de Gabriela Lages Veloso, com produções de outras épocas, em especial a cantiga medieval de Martín Codax, a fim de traçar uma leitura panorâmica do referido livro.

Partindo dos signos universais do mar e do espelho, *O mar de vidro* (2023), de Gabriela Lages Veloso, à primeira vista, pode soar melancólico. A leitura, porém, destaca-se por sua carga visceral e por sua densidade poética, que se centra no processo de individuação do sujeito. Isso já se observa pelo título, cuja sonoridade e escolha de palavras são muito similares ao título da cantiga medieval de Martín Codax (que data, aproximadamente, do século XII), *Ondas do mar de Vigo*, que traz uma visão ambígua do mar:

Ondas do mar de Vigo, porventura vistes meu amigo? Ai Deus!	Ele	voltará	logo?
Ondas do mar conturbado, porventura vistes meu amado? Ai Deus!	Ele	voltará	logo?
Porventura vistes meu amigo, por quem tanto suspiro? Ai Deus!	Ele	voltará	logo?
Porventura vistes meu amado, por quem tenho tanto cuidado? Ai Deus! Ele voltará logo?			

¹ Possui graduação em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (2023). Atualmente é Produtora de conteúdo do Com.Tato Comunicação Ltda. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo e Editoração. E-mail: nyahana99@gmail.com

² Disponível em: <<https://caravanagrupoeeditorial.com.br/produto/o-mar-de-vidro/>>.

No poema, a água representa tanto o obstáculo para o encontro do eu lírico com seu amado (“Ondas do mar de Vigo/ porventura vistes meu amigo?”), quanto uma figura confidente, a quem ele pode desvelar a própria subjetividade (“por quem tanto suspiro!” e “por quem tenho tanto cuidado?”), o que se verifica pelo emprego da primeira pessoa.

A poética contemporânea de Gabriela Lages Veloso também abraça ambas as possibilidades em torno do mar — seja como obstáculo entre o “eu” e o “outro”, seja como um caminho profundo de autoconhecimento. Daí, portanto, a dualidade com o espelho, representado culturalmente como ferramenta intrapsíquica, que proporciona o impedimento da relação com o outro (no caso do narcisismo).

Toda a construção de *O mar de vidro* (2023) parece seguir também um processo de individuação do eu lírico, que se nota pelos nomes e pela ordem das três seções de poemas do livro: “Gaia”, “Vênus” e “Atena” — todos referentes às divindades greco-romanas e às qualidades arquetípicas associadas ao feminino. Nesse sentido, “Gaia” representa fertilidade, abundância e maternidade; “Vênus” traz consigo a beleza, o romantismo e a paixão; e “Atena”, por fim, chama a atenção para o intelecto, para o autoconhecimento e para a evolução.

Portanto, Veloso, de forma engenhosa e sensível, trabalha os temas centrais — mar e espelho, interno e externo, o Eu e o Outro — a partir da perspectiva e das qualidades das divindades de cada seção. Isto se observa já em um dos primeiros poemas do livro, que integra “Gaia”:

A	água
Carrego a vida em Assumo os mais mas, em tenho o poder de regenerar.	moléculas. estados eles,
Sou mãe de todos Às vezes, me Doce Às vezes, sou intempestiva. Fúria dos mares.	os seres vivos. faço tranquila. remanso.
Em todas as cuido e sustento Tudo o que peço é reciprocidade.	minhas formas, a vida.

(Veloso, 2023, p. 17).

Nesse poema, o que vemos é um eu lírico afirmativo acerca tanto de sua substância (“Carrego a vida em minhas moléculas”) quanto de sua impermanência (“Às vezes, me faço tranquila”, “Às vezes, sou intempestiva”), fechando com a lembrança de seu amor como mãe (“Em todas as minhas formas,/ cuido e sustento a vida./ Tudo o que peço é reciprocidade”).

Ou seja, o poema une a presença cuidadora de Gaia à sua relação consigo mesma e com o mundo. Para isso, Veloso parte essencialmente da imagem poética da água — que é definida pelo filósofo francês Gaston Bachelard (1989) enquanto impermanência e profundidade, estando relacionada, desse modo, a tudo aquilo que habita o inconsciente.

Podemos dizer, então, que sua capacidade de assumir formas diferentes, de regenerar, ou, até mesmo, de ser criadora de todos os seres vivos, indica uma imersão ao próprio inconsciente, ao próprio sonho, que seria “capaz de conceber e dissolver o mundo na ponta dos dedos” (Bachelard, 1989).

Dessa maneira, o eu lírico investiga e expõe sua realidade interna (ainda que por meio de características conflituosas) ao mundo, com o único desejo de receber sentimentos recíprocos. Trata-se, portanto, do processo de concepção do Eu e de sua capacidade de existir, o que se dá somente pela confirmação do Outro.

Essa faceta do Outro — que se faz ambígua entre obstáculo e individuação — torna-se mais explícita nos poemas da seção “Vênus”, que se dirigem mais ao objeto externo (seja ele algo a ser observado ou um elemento vocativo). Isso se observa no poema que dá título à obra:

O Mar de Vidro

Em tua fria e funda lâmina,
encontram-se mistérios
escondidos, o medo do
confronto com verdades
ocultas, ou, quem sabe de,
simplesmente,

perder-se.

Tua dura água reflete
e encanta os Narcisos,
levando-os ao eterno
descontentamento.
Teu lume frio revela
a fera interior que, em
vão,

tenta-se

esconder.

Espelho, és o poço mais
profundo que existe.

Em uma só mirada
atravessas as barreiras
do tempo e da vida.
Mágico, sombrio ou
verdadeiro, apenas,
és um mar de vidro.

(Velooso, 2023, p. 36)

Nesse poema, o eu lírico parte de um olhar observador e descritivo em torno de um objeto que logo se revela tratar-se de um espelho. Porém, o tom fleumático do texto (elemento que, aliás, se destaca) abre-se também a uma leitura quase fantástica, que concebe uma metamorfose entre o espelho e o mar.

Paradoxalmente, como já mencionado, os significados atribuídos culturalmente ao mar e ao espelho, muitas vezes, são indicativos do sujeito e de sua psique. Na cantiga medieval de Codax, porém, o mar é concebido também enquanto um impedimento, tal como o espelho, que pode ser um signo narcísico. A reunião desses elementos e seus significados é abordada, notoriamente, no mito de Narciso, que se apaixona pela própria imagem refletida na água, tendo, assim, o afogamento e a morte como desfecho.

O poema “O Mar de Vidro” parece se apropriar das mitologias citadas acima, produzindo um significado novo ao mar e, assim, à própria subjetividade. Entretanto, essa visão se apresenta de maneira conflituosa e contraditória, já que é um caminho profundo à individuação (“Em uma só mirada/ atravessas as barreiras/ do tempo e da vida”) mas também uma fuga desse processo, como retratado de forma cirúrgica na segunda estrofe. Assim, Velooso nos mostra, nesse poema, que o sofrimento faz parte da jornada de autoconhecimento — afinal, estamos diante da nossa própria profundidade, como um reflexo estático das águas, brilhantemente representados na imagem do “mar de vidro”.

Em “Atena”, última seção de poemas da obra, há uma verve mais ensaística, que já não se direciona apenas ao mundo interno nem ao objeto externo, mas caminha em torno de uma síntese entre os dois elementos. O poema “Solitude” é um bom exemplo:

Solitude

Nas folhas caídas, ao vento,
nos sons do silêncio,
na mutabilidade dos dias,
perceberás a ti mesmo.

Nas tempestades em alto-mar,
no barulho desordenado da cidade.
na solitude da multidão,
aí, sim, encontrarás o teu eu.

Perceber e encontrar a si mesmo
é um dom. Mas, enxergar o outro
como o seu próprio reflexo é
compreender o enigma da vida.

(Veloso, 2023, p. 53).

O eu lírico inicia o texto colocando a importância do mundano, do intempestivo e do silencioso na jornada rumo ao autoconhecimento — o que se revela como um paradoxo, tal como se pode observar nos seguintes versos: “na solitude da multidão,/ aí, sim, encontrarás o teu eu”.

Assim, apesar de não figurarem como protagonistas os elementos do mar e do espelho, ainda formam a tessitura que liga a construção do processo de individuação que se observa nas seções “Gaia” e “Vênus”, agora apresentando uma conclusão: “Perceber e encontrar a si mesmo/ é um dom. Mas, enxergar o outro/ como o seu próprio reflexo é/ compreender o enigma da vida”.

A partir dessa análise, podemos dizer que *O mar de vidro* (2023), de Gabriela Lages Veloso, é uma obra que caminha em torno da ideia do “conheça-te a ti mesmo”, que se desdobra de modo singular no entrecruzamento do inconsciente coletivo ocidental (que engloba elementos, objetos, divindades e mitologias), com uma proposição filosófica.

Referências

Bachelard, Gaston. *A Água e os Sonhos*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

Codax, Martin. *Ondas do mar de Vigo*. Tradução de Josemar Rodrigues. Disponível em: <<https://lyricstranslate.com/pt-br/«ondas-do-mar-de-vigo»-ondas-do-mar-de-vigo.html>>. Acesso em: 03/03/2024.

Veloso, Gabriela Lages. *O mar de vidro*. Belo Horizonte: Caravana, 2023.